

História

História de Lia Reis da Costa

História completa

IDENTIFICAÇÃO

Meu nome é Lia Reis da Costa. Nasci em 20 de agosto de 1930, em Colatina, Espírito Santo.

INFÂNCIA

Às margens do rio Doce

Minha infância foi muito boa, porque nasci em Colatina Velha, onde tínhamos muitos amigos. Ali era uma comunidade assim muito unida, e sempre brincamos ali perto do rio Doce, a gente tomava muito banho, e tinha muita festa de São João, eu me lembro muito dessas passagens.

A ferrovia

E o trem passando ali direto, perto da nossa casa. E quando o trem passava era uma festa. Todos corriam para ver, as crianças faziam a maior festa, e davam adeus, era muito bom aquilo. Todo o transporte era de trem. E também pela ponte, a Ponte Velha que ia para São Silvano, era uma ponte bem perigosa também, porque caía gente, a ponte tinha muito buraco, aí caía às vezes pessoas, animais.

Onde nós morávamos tinha uma pedreira, ali perto do quartel antigo, a gente via assim muita gente procurando parentes que tinham se afogado, e o perigo também era o trem, que matou muita gente no centro de Colatina porque as pessoas às vezes passavam distraídas, às vezes tinham bebido um pouco também. Era muito preocupante. Mas foi muito bom viver em Colatina. Trinta e dois anos.

Passavam os trens de passageiros, passavam de animais também, e as pedras que vinham de Minas passavam lá direto também. E o trem era comprido, nossa! E como era. Cada um! Você sabe que às vezes até incomodava a gente que morava perto da estrada, aquilo fazia aquele barulho o tempo todo, o trem era bastante extenso. Mas depois a gente acostuma, acostuma com tudo. A locomotiva era a lenha. Eu lembro que a gente às vezes dava uma fugida, olhava assim de onde nós estávamos, então estava lá o moço que trabalhava colocando lenha, e aquele monte de fagulha saía lá por cima, era coisa boa. Tinha muita coisa boa na minha mocidade, felizmente. Até hoje, até hoje eu me lembro dessas coisas boas.

Simpatia para não enjoar

Eu não passava lá muito bem no trem não. Mas tinha uma simpatia para não enjoar. Minha mãe amarrava um jornal assim no estômago da gente para fazer pressão, e a gente cheirava limão, chupava limão para não passar mal na viagem. A gente viajava o tempo todo. Ah, era a melhor coisa. Mas a simpatia nem sempre dava certo. Tinha dia que dava, tinha dia que a gente levava umas comidinhas, farofinhas, era um piquenique. Uma beleza.

Muito verde

Ah, era bonito na época. Bonito, porque não tinha desmatamento, então tinha muita coisa para gente ver ainda, tinha muitas fazendas assim dos lados, nos lados da linha do trem, muito gado, tinha muita coisa bonita naquela época. E ninguém se preocupava em acabar com o verde. Agora que estão acabando mais com as coisas. Mas a gente passava e se divertia bastante.

ADOLESCÊNCIA

Encontros na estação

Quando estava chegando o trem, apitava. Dava uns apitos, piuii, aqueles... todo o mundo corria. A criançada adorava, era bom, sabe, era uma

feira. A estação, claro, a estação era no centro de Colatina. Ali era o lugar onde a gente ia dar as voltas, procurar namorado, encontrar as amigas, era assim o tempo todo. O lugar onde a gente ia passear era ali na estação. Em frente à estação tinha toda a rua, era uma rua principal. Então ali a gente passeava, às tardes, aos domingos, todo o mundo arrumado, para lá e para cá, passeando, era uma distância grande. Mas era bom, que a gente passeava, encontrava todos os amigos, dali a gente combinava tudo o que tinha que fazer, os bailes, e foi passando.

Foi uma juventude muito boa que eu tive lá. Punha roupa bonita para ir passear na estação, a roupa era exatamente para isso. Para a gente ir na estação, para gente passear ali na praça, para ir à igreja, para ir aos bailezinhos que tinha, às festas de São João. As festas de São João nossa, eram famosas lá em Colatina Velha. Tinha uma família lá muito antiga, era tipo do prefeito ali do lugar, seu Oséas. Eles tinham uma família muito grande. E ali a gente programava um monte de coisas ali, soltava balão, foi muito bom.

E tinha sino na estação, nossa, batia o sino, tudo arrumadinho. O sino batia para alertar. Ou, às vezes, batia quando já vinha o trem, então as pessoas tinham que sair da estrada, da linha do trem, tinha que sair, e também avisando a chegada e a saída dos trens. Era sempre movimentado. Tinha os lugares de vender passagem. Eu viajei muito aqui para Vitória, no tempo assim de criança, nós viajávamos muito aqui para Vitória de trem.

VITÓRIA

Travessia de bote

Quando chegava em Vitória, a gente pegava um bote. O bote, não sei, deve ter até hoje, mas a gente atravessava da estação daqui para a cidade. Porque eu tinha parentes lá, para o lado lá da Praia do Canto, Maruípe, aqueles cantos lá, então a gente pegava o bote, atravessava, do trem atravessava e lá na cidade pegava ônibus para ir para onde a gente queria. Mas deve ter esse transporte de bote até hoje. Será que não? Não sei se agora não estão atravessando mais. Mas era bem bom. Dava um pouco de medo. Fazia medo. Ia sempre um pouco lotado, levava mala, levava bolsa, mas dava para atravessar bem.

E.F. VITÓRIA-MINAS

Estação mudou de Colatina

Atualmente, eu tenho netos que moram fora, moram aqui também e sempre nós estamos programando uma viagem de trem. Porque dá saudade. Sempre foi uma viagem muito boa. E eu tenho muita vontade que a gente viaje de trem, se bem que agora a estação mudou de Colatina, mudou para mais longe. Eu nunca mais fui lá depois que teve essa mudança. Agora a estação do trem mudou lá para Esplanada. Antigamente quando eu morava lá aquilo era chamado Esplanada. Mas ali já é um museu. E agora a estação já foi mais para longe. Essa nova estação eu não conheço.

CASAMENTO

Eu mudei para Aracruz primeiro. Casei em Colatina, casei com um rapaz que trabalhava na farmácia, tem família lá até hoje, o nome dele é Leno. Ele trabalhava em farmácia, e ficamos lá um bocadinho de tempo. Depois, viemos para Aracruz, que ele colocou uma farmácia só nossa mesmo, só dele. Trabalhamos aí logo na época que a celulose chegou em Aracruz. Ficamos lá 32 anos.

FAMÍLIA

Filhos e netos

Eu trouxe três filhas de Colatina, já, e em Aracruz nasceu mais uma. Lá nasceu a Ângela, a Regina e a Elenice, e aqui em Aracruz nasceu a Telma. Mas são todas adultas, casadas, já tenho netos, tenho uma filha que mora em Salvador, mora fora. E a outra mora em São Paulo. E outras duas moram aqui.

IMAGEM CVRD

Empresa conceituada

Soube que existia a Vale do Rio Doce quando comecei a estudar, assim, a entender mais das coisas, mas já bastante adulta. Já era bastante adulta quando comecei a ouvir falar em Vale do Rio Doce. Inclusive era assim... Acho que deve ser ainda, uma empresa assim muito famosa, então as pessoas quando se empregavam na Vale a gente dizia: "Nossa, o fulano está na Vale, então ganha bem." A gente ficava até de olho também. Mas tinha que ter concurso, tinha que ter um monte de coisa. A Vale sempre foi muito bem conceituada. Sempre teve muito cartaz.

Pessoa que trabalhava na Vale tinha tudo, muito prestígio.

DEPOIMENTO

Resgatar memórias das pessoas, ah, eu acho isso muito importante porque a gente fica até com pena que o Espírito Santo atualmente é só conhecido como coisas ruins, muito roubo, coisas aí que andam acontecendo. Muita violência, isso é ruim para o Espírito Santo. Eu gosto muito do meu estado, e às vezes as pessoas que moram fora, quando a gente diz "Ah, sou do Espírito Santo," eles falam: "Ah, mas é um lugar muito violento, muito isso, muito aquilo." Isso fica ruim. É sempre bom que continue assim preservando as coisas boas, como o caso da Vale agora. Atualmente, estão falando muito sobre tirar a fábrica Garoto daqui, acho ruim. Porque isso são as coisas melhores que a gente tem. Inclusive a celulose também é uma coisa que eu acho que não deve ser assim. Vai ser pior se tirar a celulose. Que a celulose deu um impulso muito grande para o Espírito Santo. Eu, que vivi lá perto, em Aracruz mesmo, 32 anos, acho que a Aracruz fez o lugar progredir muito, muito mesmo, exatamente por causa da celulose. É uma coisa boa para o Espírito Santo. Se tirar isso, e a Vale, que é que vai ficar?